



As Potencialidades das Novas Temáticas Tratadas No Cinema de Animação¹

Juliana Santos SOLEDADE²

Rodrigo Bomfim Oliveira³

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA

RESUMO

Este artigo discute como o cinema de animação vem apropriando-se de temáticas mais realistas para o público infantil. Com o formato de desenhos animados, esses filmes podem suscitar importantes discussões a respeito de valores e normas da sociedade. Além disso, podem servir como material pedagógico em potencial favorecendo o aprendizado interdisciplinar e exercitando o olhar para a diversidade cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Filmes, entretenimento, escola e família.

1- INTRODUÇÃO

Uma vez que a experiência de recepção à mídia vem ocorrendo cada vez mais cedo pelas crianças e levando em consideração que elas assistem a produtos de diversos gêneros impróprios para a idade, torna-se importante refletir sobre os valores disseminados em tais produtos.

A mídia é essencialmente simbólica, mas não deixa de transmitir informações diretas e, por isso, é necessário observar os textos implícitos em qualquer produto audiovisual, seja destinado ao público infantil ou não. Afinal, grande parte da subjetividade humana é formada no período da infância e é, justamente, onde ela se encontra mais exposta às mensagens midiáticas.

Muitos filmes, novelas e desenhos animados disseminam a ideologia de países desenvolvidos como os Estados Unidos, bem como valorizam sua cultura e seus valores.

¹ Trabalho apresentado na Sessão Comunicação audiovisual (cinema, rádio e televisão), da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Comunicação Social da UESC, bolsista do PROIIC – Programa Institucional de Iniciação Científica, email: juli_uesc@yahoo.com.br

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da UESC, email: rodrigo.surfer@uol.com.br



Essas representações estereotipadas podem fazer com que a criança perca a sua identidade ao não sentir-se pertencente àquela realidade.

No entanto, não é possível (e menos ainda, aconselhável) proibir as crianças de assistirem a filmes e produtos televisivos. Sobretudo, pela proporção que esses meios tomaram na sociedade contemporânea, pautando conversações e ditando modas e costumes.

Destarte, pode-se fornecer às crianças um repertório de produtos com qualidade e que possam auxiliá-las a ter uma visão crítica da mídia. Com o apoio, é claro, de pais e educadores engajados no desejo de que as crianças possam não apenas entender a mídia, bem como participar dela transformando-a num meio democrático e igualitário.

2- A Comicidade do Desenho Animado e a Magia do Filme: Um Poder Incontestável

Entendendo a infância como um processo em constante movimento e a criança como um receptor ativo, uma vez que interage com a programação assistida segundo suas referências pessoais, é possível apreender o sucesso do gênero desenho animado.

Através dele, a criança aprende noções importantes para toda a vida como: a perda e a recuperação de algo estimado e a definição de coletividade/individualidade, por exemplo.

É por meio dessa magia, desse fantástico que a criança elabora suas perdas, materializa seus desejos, compartilha da vida animal, muda de tamanho, liberta-se da gravidade, fica invisível, e assim, comanda o universo por meio da sua onipotência. Dessa forma, ela realiza todos os seus desejos e as suas necessidades. (PACHECO, 1998)

Além de constituir-se de diversos símbolos para chamar a atenção das crianças, o desenho animado satisfaz seu lado lúdico, brinca com a relação espaço-temporal (uma vez que os personagens se deslocam para diferentes lugares em pouco tempo) e promove a elaboração de diferentes respostas a um mesmo conteúdo, levando em conta o referencial de cada uma delas.

As produções cinematográficas infantis usando a tecnologia de animação eram, em sua maioria, sobre as famosas princesas dos contos de fadas – para as meninas - ou aventuras previsíveis com heróis já consagrados, seja das lutas marciais ou de outras modalidades – para os meninos.



No final da década de 90, começaram a surgir filmes de animação com enfoque em diferentes temáticas. Muitos estúdios passaram a produzir filmes com elementos geográficos e históricos importantes, tramas mais ligadas aos problemas comuns da sociedade e fuga dos estereótipos sagrados das histórias infantis.

O não conhecimento desse universo midiático, constantemente, gera um “pré-conceito” que limita as potencialidades dessas produções. No entanto, uma análise sobre esses filmes pode gerar produtivas discussões tanto no âmbito doméstico como escolar a respeito de temas variados. Mas não é a visão adulta que deve ser contemplada nesses filmes.

É de suma relevância que, ao analisar os intertextos dos filmes de animação infantis, observem-se as produções com base no público-alvo, ou seja, não se deve tirar a magia do espetáculo nem supervalorizá-lo a fim de ludibriar a criança.

Não estamos, obviamente, demandando que o adulto saia do seu lugar e assuma o lugar da criança - o que de todo modo seria impossível; mas que, entendendo a propriedade dos processos cognitivos e emocionais infantis, não peque por reduzir sua relação com o mundo a uma miniatura da relação que o adulto mantém com este mesmo mundo.(...) Olhar a TV com olhos de criança implica em perceber que a criança brinca com a televisão e aí, talvez esteja o seu maior trunfo. (GOMES, 2007)

Vale ressaltar que o filme *O mágico de Oz* (1939), embora não faça parte dessa nova geração em 3D, também permite a análise de elementos arquetípos. O excelente filme de Victor Fleming tem uma história que ultrapassa qualquer limite espaço-temporal, podendo servir como referência positiva até os tempos atuais.

Apesar de não ser encontrado facilmente nas vídeo-locadoras, o filme trabalha questões como a amizade, a diversidade, a inteligência e, também, a persistência na realização de um sonho. Podem ser analisadas, além disso, as características estéticas, a linguagem e o conteúdo do filme.

A estrutura narrativa e o conteúdo simbólico de filmes como *A era do Gelo*, *Shrek* e *O príncipe do Egito*, por exemplo, podem servir como importantes auxiliares no processo pedagógico tendo em vista o desenvolvimento cognitivo que podem proporcionar às crianças.

No filme *A era do gelo*, três animais falantes se metem em diversas peripécias para devolver um bebê humano à sua família. Para isso, precisam estar juntos e valores como a amizade e a união podem ser trabalhados com as crianças tanto por pais como por educadores de disciplinas diversas, afinal, o filme se passa numa era de extinção dos dinossauros, de migração de animais e organização de grupos de seres humanos.



A trilogia de Shrek começou em 2001 e logo conquistou o primeiro Oscar de melhor animação. Lançado pelo estúdio de animação DreamWorks, a trilogia é uma sátira aos contos de fadas tradicionais e é garantia de um bom papo (após o filme, é claro) com as crianças.

No primeiro filme da trilogia, o ogro Shrek tem seu pântano invadido por personagens de contos de fadas tradicionais após serem expulsos de suas casas por Lord Farquaad, um príncipe nanico e ambicioso por tornar-se rei. Para isso, contudo, deve casar-se com uma princesa.

Com o espelho da Branca de Neve em mãos, o príncipe deve escolher a princesa com a qual irá casar-se. No melhor estilo programa de auditório, três candidatas aparecem como escolha: Cinderela, Branca de Neve ou Fiona, a Solteira número 3. Esta última é a escolhida.

No entanto, para casar-se com a bela Fiona é preciso resgatá-la de um castelo protegido por um dragão feroz. Por ser covarde, Lord Farquaad propõe a Shrek que a salve e, em troca, tirará os personagens que tanto o atormentam no pântano.

Shrek aceita e parte para o resgate com seu companheiro, o falante asno Burro. Após muitas aventuras, ele consegue salvá-la e logo fica claro que somente Shrek poderia ter conseguido. Afinal, à noite, a bela (porém, amaldiçoada) Fiona transforma-se em uma ogra.

A trilogia pode ser considerada como uma das mais ricas em termos de temáticas contemporâneas com potencial a ser trabalhado. Entre elas: o amor entre seres de diferentes níveis sócio-econômicos; o respeito e tolerância às diferenças e opiniões alheias; a busca do amor somente pelo aspecto físico e a cumplicidade que deve existir em qualquer relacionamento. Além disso, pode estimular em sala de aula reflexões sobre contos, fábulas e outras formas de expressão. O quarto filme da série tem lançamento previsto para o ano 2010.

No filme O príncipe do Egito, podemos acompanhar o crescimento de dois garotos unidos embora pertençam a classes sociais distintas: um tem sangue real enquanto o outro não. Sem saber que, na realidade, são irmãos continuam amigos até a juventude, quando um se torna o líder da sua comunidade e o outro se torna o governante mais influente e poderoso do império. A partir disso, a rivalidade entre os dois fica acirrada e somente num confronto final suas vidas serão decididas.

O príncipe do Egito pode suscitar discussões sobre as diversidades existentes entre a cultura, a organização geográfica e a estética do império e da comunidade



vassala. Pode, também, render uma aula ou uma pesquisa orientada sobre os povos egípcios e a ocupação da Terra.

Seguindo essa vertente do cinema de animação é possível encontrar outros filmes que podem proporcionar conversas e trabalhos enriquecedores seja em casa ou na escola. Desenhos animados por si só chamam a atenção das crianças e, aliados à quebra de maniqueísmos reducionistas, paradigmas e estereótipos, podem ser ainda mais valiosos.

3- Metodologia Para Análise Crítica dos Filmes

As referências cinematográficas que serão citadas neste artigo podem ser vistas, ou não, anteriormente pelos educadores e pais antes da exibição para as crianças. A fim de não reduzir as potencialidades dessas produções não serão indicadas as áreas a serem trabalhadas, uma vez que a proposta do artigo é justamente a de ampliar a visão projetada nos desenhos.

São produções ricas no que tange a capacidade de suscitar valores e comportamentos importantes bem como de servir como material pedagógico em potencial. Vale lembrar que, estando confortável fisicamente no momento de assistir ao filme, a criança pode melhor concentrar-se.

O pedagogo espanhol Joan Ferrés, no livro “Televisão e educação”, propôs duas metodologias para análise de filmes e séries de televisão que devem ser usadas de acordo com o nível de compreensão da criança. A metodologia para níveis inferiores (ou seja, crianças que ainda não têm um conhecimento a respeito da complexidade das estruturas fílmicas) é a seguinte:

- Leitura situacional: Título da obra, gênero, ano e país em que foi produzido;
- Leitura concreta: A história foi entendida por todos? Gostaram do quê? Por quê? E do que não gostaram? Por quê?
- Leitura narrativa: identificar os protagonistas e antagonistas, o ambiente onde a história se desenvolve e os problemas a serem resolvidos.

Sugestão: As três leituras acima podem ser desenvolvidas através de atividades como a elaboração de desenhos da obra, descrição oral ou escrita dos personagens, reconstrução da história mudando o final ou o protagonista e distribuição de adjetivos para os personagens.



- Análise formal: Há movimentos câmera? Por quê? Como são as roupas dos personagens? Existem músicas na obra? Quais tipos de músicas? O gênero é do que faz rir (comédia), chorar (melodramática) ou provoca medo (terror)?

Sugestão: Esta leitura pode desenvolver atividades de esclarecimento das funções relativas à produção audiovisual, explicação de técnicas simples da montagem, entre outras.

- Leitura temática: O título tem a ver com a obra? A história poderia acontecer na realidade com você ou sua família? Como resumir o filme?

Sugestão: Como atividades podem ser feitas a elaboração e confecção de cartazes para a promoção do filme, desenhos que o resumam ou, no caso de haver cenas violentas, classificá-las de acordo com o tipo e as manifestações como socos, tiros, golpes, expressões agressivas...

- Leitura avaliadora: Quais as músicas que mais gostaram? O que mudariam no filme? Por quê? A quem recomendaria a obra? A quem não aconselharia? No caso de haver violência no filme, como os problemas poderiam ter sido resolvidos de maneira pacífica?

Sugestão: Representar alguma cena do filme através de apresentação oral, montando cenários, figurinos e papéis.

Para os níveis superiores, a metodologia de Ferres sugere:

- Leitura situacional – Situando o contexto de produção do filme ou série (gênero, nacionalidade, equipe técnica...);
- Leitura fílmica – Dividida em três etapas:
 - a) Leitura narrativa: Analisar verbalmente a estrutura narrativa, a solução do conflito na história, os ambientes e os personagens no que diz respeito à caracterização e identificação dos protagonistas.
 - b) Análise formal: Observar qual foi o tratamento dado à história no ponto de vista do gênero, estilo, tom (realista, coloquial, dinâmico...), valor estético, montagem e recursos visuais e sonoros.



- c) Leitura temática: Grau de simbolismo admitido, formulação do tema e sub-temas além da idéia central da história, conteúdos explícitos, emoções projetadas sobre os personagens e reações espontâneas.
- Leitura avaliadora: Analisar se há disseminação de estereótipos e quais os valores promovidos pelos protagonistas, originalidade da história, a montagem como criadora de ritmo e sentido, o tema do filme sob o ponto de vista ideológico e aspectos negativos do filme, entre outros.

4- Relação de Filmes Animados

Os filmes a seguir pertencem ao cinema de animação e foram lançados a partir do ano de 1997. As produções cinematográficas citadas podem ser encontradas em diversas locadoras. Serão fornecidos o ano de lançamento do filme, a duração, o estúdio e o país em que foi produzido, além do nome do(s) diretor(es).

Vale ressaltar que todos os filmes têm classificação livre e a maioria pertence ao gênero comédia.

- Anastásia (Anastasia) – 1997, EUA. Direção de Don Bluth e Gary Goldman. Adaptação de animação: Eric Tuchman. Dura 94 min. Distribuição: Fox Filmes.
- Mulan (Mulan)- 1998, EUA. Dirigido por Tony Bancroft e Barry Cook. Dura 88 min. Estúdio: Walt Disney Productions.
- O Príncipe do Egito (The prince of Egypt) – 1998, EUA. Direção de Brenda Chapman, Steve Hickner e Simon Wells. Duração de 98 minutos. Estúdio: DreamWorks SKG.
- Vida de inseto (A bug's life) – 1998, EUA. Direção de John Lasseter. 107 minutos. Estúdio: Buena Vista International.



- Dinossauro (Dinosaur) – 2000, EUA. Direção de Ralph Zondag e Eric Leighton. 82 minutos. Estúdios: Walt Disney Pictures e Buena Vista International.
- A fuga das galinhas (Chicken Run) – 2000, EUA. Direção de Peter Lord e Nick Park. 84 minutos de duração. Estúdio e distribuição: DreamWorks SKG / Allied Filmmakers / Aardman Animations.
- Montros S.A. (Monsters Inc.) - 2001, EUA. Direção: Peter Docter e David Silverman. Estúdio e distribuição: Walt Disney Productions e Pixar Animation Studios.
- Shrek (Shrek) – 2001, EUA. Dirigido por: Andrew Adamson e Vicky Jensen. Dura 90 minutos. Estúdio: DreamWorks SKG
- A era do Gelo (Ice Age) – 2002, EUA. Direção de Chris Wedge. 81 minutos de duração. Estúdio: Fox Filmes.
- Procurando Nemo (Finding Nemo) – 2003, EUA. Direção: Andrew Stanton. 101 minutos. Estúdio: Walt Disney Productions e Pixar Animation Studios.
- Nem que a vaca tussa (Home on the Range) – 2004, EUA. Direção de Will Finn e John Sanford. 76 minutos. Estúdio: Walt Disney Pictures.
- Os incríveis (The Incredibles) – 2004, EUA. Direção de Brad Bird. 115 minutos. Estúdio e distribuição: Buena Vista International.
- Happy Feet – O pingüim (Happy Feet) – 2006, Austrália/EUA. Direção: George Miller. 108 minutos. Estúdio: Warner Bros.
- Selvagem (The Wild) – 2006, EUA. Dirigido por Steve “Spaz” Williams. 81 minutos de duração. Estúdio: Buena Vista International.



Considerações Finais

Pode-se perceber que instituições tão importantes no processo de socialização da criança, como a família e a escola, respectivamente, não podem ignorar a influência e potencialidade de agentes como a mídia. Não podem instituir-se como organismos fechados e impenetráveis uma vez que a sociedade contemporânea é altamente flexível.

Essa flexibilidade se refere à adaptação contínua dos indivíduos às novas práticas culturais a fim de que não se tornem “marionetes” dos meios de comunicação, podendo questioná-los e formando uma visão crítica diante do bombardeio de informações às quais somos expostos diariamente.

A partir do momento em que são oferecidos às crianças materiais audiovisuais selecionados e orientações corretas a respeito desses produtos, o conhecimento é ampliado e o ato de pensar, questionar e responder torna-se mais prazeroso em qualquer ambiente.

Os filmes animados que podem servir para ensino – seja ele didático ou de valores, por exemplo – estimulam a criança a recriar o universo da programação que assistiu segundo suas experiências pessoais. Além disso, proporcionam a adultos e crianças um momento de lazer com a garantia de muitas gargalhadas.

Referências Bibliográficas

ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

CORTELLA, Mario Sergio. **A escola e o conhecimento**: fundamentos epistemológicos e políticos. 4. ed. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2001. 166p (Prospectiva ;5) ISBN 8524906787 (broch.)

Dados técnicos dos filmes. Encontrado em <<http://www.interfilmes.com/>> Acessado em 28 de Janeiro de 2007.

FERRÉS, Joan. **Televisão e educação**. Trad. Beatriz Affonso Neves. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.



GOMES, Itânia. **Ingenuidade e recepção:** As relações da criança com a TV. Disponível em <<http://www.facom.ufba.br/sentido/ingenuid.html>> Acessado em 03 de Janeiro de 2007.

INÁCIO, Marcelo. **Educomunicação.** Disponível em www.educomunicacao.wordpress.com/ Acessado em 15 de abril de 2008.

MAGNO, Maria Ignês Carlos. **Desenho animado em sala de aula.** Disponível em <<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/Comedu/article/view/4208/3949>>. Acessado em 17 de Janeiro de 2007.

PACHECO, Elza Dias (org.). **Televisão, criança, imaginário e educação:** Dilemas e Diálogos. - Campinas, SP: Papirus, 1998. – (Coleção Papirus Educação).

SCHAUN, Ângela. **Educomunicação:** reflexões e princípios. RJ, MAUD, 2002.